



CEST

Centro de Estudos Sociedade e Tecnologia



Universidade de São Paulo

Boletim- Volume 5, Número 7, Julho/2020

Como será o mundo da educação pós-pandemia: Híbrido? Singular? Desfragmentado? E Aberto à inovação?

Rosângela Agnoletto & Vera C. Queiroz

No início do período de isolamento, ressalvada as diferentes situações, havia uma expectativa comum a todos de “quando eu voltar”, as coisas serão retomadas. No entanto, passado algum tempo, essa ideia parece esmaecer, pois quem aposta em um futuro “como era antes?”

O mundo mudou... as expectativas diante das antigas certezas se desconstruíram. Novos olhares diante de um mundo novo e imprevisível se criaram e tomaram o lugar do que antes era possível, trivial e duradouro. As zonas de conforto enraizadas que cercavam a vida deram lugar aos imprevistos e às experimentações. As bases da sociedade tidas como sólidas nos mais diversos campos de atuação foram abaladas e demandaram novos formatos emergenciais. O mundo presencial deu lugar ao mundo virtual, com todas as suas características peculiares, seus limites, potencialidades e desafios que precisaram ser aceitas e incorporadas, quase que de imediato.

Talvez o grande desafio trazido pela pandemia de modo geral foi o de como lidar com o isolamento social - com a ausência do outro – uma vez que o ser humano é um ser naturalmente social e os contatos são fundamentais para o desenvolvimento da inteligência emocional e pessoal.

A falta da presença física acentuou para muitos a necessidade de abraços, afetos e encontros sociais, mas

será que a falta da estrutura física de paredes, cimentos e tijolos também trouxe a necessidade de encontros outrora travados muitas vezes exclusivamente nesses espaços físicos? Para muitos, talvez sim. Mas, a realidade talvez se mostre outra.

O mundo escolar, que precisou rapidamente se adaptar a uma forma de ensino remoto, onde as tentativas, erros e acertos foram experimentados durante o período intenso da pandemia e eram a única forma de a aula se realizar, trouxeram experiências novas e possivelmente relevantes para os professores que ensaiavam e questionavam o formato de aula virtual.

O mundo presencial deu lugar ao mundo virtual.

É certo que o trabalho do docente dobrou durante esse tempo, pois a “presença do professor” no meio digital é, via de regra, mais cobrada e necessária para que os alunos se sintam acolhidos e tenham a sensação de pertencimento ao grupo educacional do qual fazem parte. As práticas docentes que não eram novas, mas que se revestiram de uma nova roupagem na aula possível de ser realizada remotamente, talvez não sejam as preferidas do professor, mas lhe trouxeram vivências novas de sua didática, de como lidar com as expectativas, dificuldades, incertezas e anseios dos alunos, bem como com os próprios desafios e temores da docência. Certamente as aulas remotas deram aos professores uma nova bagagem da qual talvez não imaginassem explorar não fosse a pandemia.

Se por um lado o mundo docente precisou se adaptar ao inesperado, o mundo dos alunos ganhou visibilidade diante das mazelas, exibindo o fosso existente e



infelizmente alargado entre as diferentes camadas sociais, aqueles com e aqueles sem acesso à Internet.

Segundo os últimos dados publicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 1 em 4 pessoas não tem acesso à Internet. Portanto o mundo virtual não favorece a todos.

A expectativa de que grande parte dos alunos conectados já estariam preparados para a sala de aula remota não era real. Há relatos de alunos que não tinham conexão com a Internet e precisaram buscar algum local na comunidade onde pudessem “assistir as aulas”; outros apontaram a dificuldade de acompanhar aulas online devido à precariedade de estrutura de suas casas (internet de baixa qualidade ou necessidade de vários membros da mesma família precisarem fazer uso concomitantemente dela); outros se queixaram da falta de aulas práticas que compunham os currículos, e ainda aqueles que sentindo-se isolados, não se motivaram em fazer as aulas remotas e simplesmente abandonaram o curso.

Mais do que nunca, o professor precisou lançar o olhar em duas direções: para suas próprias dificuldades e para o esforço empreendido, e muitas vezes fracassado, do aluno em manter-se “presente” nas atividades remotas.

Uma questão que se coloca ao professor é “se ele, de fato, se deu conta nesse período de privações, dos fatores fundamentais que cercam a docência, sejam eles de contato e parceria com os alunos, de práticas educacionais, ou de destreza no lidar tecnológico.”

Sabe-se que muitos professores tiveram dificuldade em se lançar no mundo virtual e em lidar com esse momento de isolamento social, mas como educadores que são, se atiraram no desconhecido e se impuseram práticas para dar conta de suas responsabilidades docentes e desejo de contribuir com a aprendizagem de seus alunos.

Aos poucos a flexibilização começa a ocorrer e o “novo normal” mostrar sua “cara”. Não temos a menor ideia de como a retomada será enquanto uma vacina contra o Covid-19 não for produzida em larga escala e sua eficácia

comprovada.

Na esfera educacional, o que é fundamental é que haja, por parte dos professores e das instituições de ensino quando as aulas voltarem ao ambiente presencial, sensatez no trato do “acolhimento” da volta dos alunos, visando integrá-los às novas realidades escolares.

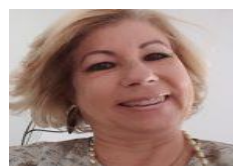
O que existia antes, não existe mais. A velha escola organizada em tempos pré-pandemia precisa dar lugar a uma nova escola em que as vivências trazidas do ensino remoto com seus acertos e entraves, sirvam para repensar uma Educação mais moderna que tenha em seu bojo os ditames e exigências da sociedade atual.

Talvez o ensino híbrido não seja o único legado para o mundo pós-pandemia. A valorização do conhecimento científico, a estruturação de condições sanitárias e informacionais com dados mais precisos e, principalmente, as capacidades humanas e seus potenciais para se adaptar e readaptar às novas condições do mundo que devem se impor daqui para frente são os fundamentos do porvir.

E se assim for, o velho dará lugar ao novo... a novas experiências. O ensino híbrido com momentos presenciais mesclados por momentos virtuais se consolidará e as aprendizagens docentes e discentes do ensino remoto serão os subsídios para um novo olhar para a Educação: desfragmentada, singular e aberta à inovação.



Rosângela Agnoletto é mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá.



Vera C. Queiroz é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do CEST-USP.

Coordenador Acadêmico: Edison Spina

Este artigo resulta do trabalho de apuração e análise das autoras, não refletindo obrigatoriamente a opinião do CEST.